

MULHERES
CANGACEIRAS: A
ESSÊNCIA
FEMININA COMO
QUESTÃO DE
GÊNERO E
ALGUNS FATOS
HISTÓRICOS
ACONTECIDOS NO
NORDESTE
BRASILEIRO

CANGACEIRAS
WOMEN: FEMALE
ESSENCE AS A
GENDER ISSUE
AND SOME
HISTORICAL FACTS
HAPPENING IN
NORTHEAST
BRAZIL

CRUZ, Michel Alves da [1]

[1] Mestre em Ciências Humanas - Universidade Santo Amaro Unisa. Graduado em História - Faculdade Sumaré. São Paulo - SP.

RESUMO

O mistério habita profundamente as fendas áridas e pedregosas do Nordeste Brasileiro e é nesse inóspito, selvagem e agressivo pedaço de chão ardente que nos remeteremos ao passado para entendermos algumas questões sociais que envolveram o conceito de gênero e suas adaptações ideológicas. A entrada das mulheres no cangaço criou novos rumos, alavancou um novo conceito. Elas impuseram identidade própria, personalidades singulares. Foram perseguidas, enfrentaram estruturas de poder, criaram estratégias de sobrevivência, influenciaram posturas, ditaram regras e tornaram-se respeitadas cangaceiras no contraditório mundo machista do cangaceirismo.

Palavras-chave: Mulheres Cangaceiras. História Regional. Nordeste.

ABSTRACT

The mystery deeply inhabits the arid and rocky cracks of the Brazilian Northeast and it is in this inhospitable, wild and aggressive piece of burning ground that we will refer to the past to understand some social issues that involved the concept of gender and its ideological adaptations. The entry of women in the cangaço created new directions, leveraged a new concept. They imposed their own identity, unique personalities. They were persecuted, faced power structures, created survival strategies, influenced postures, dictated rules and became respected in the contradictory sexist world of cangaceirismo.

Keywords: Women Cangaceiras. Regional History. North East.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais a mulher tem ocupado espaços e se diferenciado em suas funções, mais nem sempre foi assim, as mulheres não tinham os mesmos direitos dos homens, só pra se ter uma ideia a mulher não tinha direito de votar e nem de ocupar cargos na sociedade. No Brasil Imperial a mulher era descartada dos

contextos sociais e só no Brasil República começaram as mudanças. Uma família brasileira clássica consistia numa família patriarcal, com a presença de um marido autoritário, cercado de concubinas escravas, que dominava os filhos e uma mulher submissa, passiva, indolente, que vivia enclausurada em casa, gerava inúmeras crianças e abusava dos escravos. Hoje o quadro é outro e a mulher tem sua importância e valorização, inclusive com a data de 08 de março dedicada ao Dia Internacional da Mulher.

Mulheres livres e pobres, lutando para sobreviver em São Paulo, atravessavam sem restrições praças e ruas públicas, agregavam-se nas fontes, nos tanques de lavar roupa, ou na beira dos rios, para exercer seu trabalho como lavadeiras. Empregavam-se como domésticas, cozinheiras, amas de leite ou costureiras. Algumas vezes, como vendedoras ambulantes enfrentavam não apenas a fome, mas também a polícia, regulamentos burocráticos e taxas impostas à sua minúscula atividade comerciais (HAHNER, 2003, p. 41).

O dia Internacional da Mulher é marcado pela história que se inicia em 08 de março de 1857, quando 130 operárias de uma fábrica de tecidos, em Nova York, foram assassinadas quando lutavam por reconhecimento e melhores condições de vida. Foi preciso uma tragédia para que a sociedade ao longo da história pudesse reconhecer o papel importante da mulher.

Pensar a educação de mulheres no Brasil do século XIX significa pensar uma educação muito reduzida, que não passa muito do universo da alfabetização. Nesse sentido é que se pode afirmar que a educação das meninas permaneceu extremamente atrasada em relação à dos meninos. (HAHNER, 2003, p. 56).

O século XX passou por profundas transformações e conquistas. Muitas mulheres entraram para a história e ficaram como símbolo de que nada seria como antes: Direito ao voto, pílula anticoncepcional, divórcio e conquistas no mercado de trabalho e outros direitos e garantias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ALGUNS FATOS HISTÓRICOS REPRESENTADOS POR MARIA BONITA, A RAINHA DO CANGAÇO

A peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é a seguinte: sejam quem forem os indivíduos que o compõe, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou inteligência, o fato de

haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento... O grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente como as células que constituem um ser vivo, formam, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente (*apud* FREUD 1996/1921, p. 83-84).

As sociedades regem-se por padrões de condutas, leis, direitos e deveres estabelecidos. Notadamente as manifestações de épocas remotas serviram para criar personagens polêmicos, tantos odiados quanto amados, dependendo da ótica de quem vivia os extremos da situação. É notório observar que as escolhas de caminhos percorridos podem ser vistas como trajetórias positivas ou negativas, dependendo da visão de quem se posiciona fora do quadro acontecido. O Sertão nordestino tem sido palco de inesquecíveis posicionamentos de pessoas que de alguma forma mudaram suas trajetórias e envolveram vidas de outras pessoas, havendo dentre os fatos ocorridos um pré-julgamento de uma sociedade que muda seus pensamentos com o passar do tempo. A guerra de Canudos é a síntese de uma grande falha de pensamentos de uma sociedade equivocada e hoje se tenta justificar os meios utilizados, as formas de atuações e as várias análises do que na época foi chamada de Vitória de Heróis em referência às ações dramáticas realizadas pelo exército, ao martírio de um povo que almejava só provar que era possível uma vida longe dos impostos e dos deveres criados apenas para uma classe menos abastada, obedecendo ao líder Antonio Conselheiro. A esse fenômeno juntou-se Pau - de - Colher, Pedro Batista, Beato Lourenço e o polêmico e adorado Padre Cícero Romão Batista.

O fenômeno cangaço escreveu na história Brasileira uma página diferenciada de todo o contexto social de uma nação e ainda hoje há uma polêmica duradoura que recai sobre esse acontecimento. Apesar de uma grande lacuna sobre um estudo sociológico mais aprofundado ou entrando a fundo nas questões psicanalíticas, torna-se difícil a discussão; fatos gerados entre os acadêmicos e os pesquisadores de campo, com seus minuciosos detalhes reais colhidos da historiografia oral. É uma discussão há longe despertada e ainda difícil de se chegar a um consenso.

O cangaço era particularmente, pela sua brutal forma de vida, um mundo exclusivamente machista. A mulher era figura descartada nesse meio. Os cangaceiros sempre que possível mantinham suas relações sexuais, aproveitando os bailes realizados nos coitos,

sítios, fazendas, ou quando eram seviciadas e vítimas dos *GERÁS* (palavra usada na época para definir a prática do estupro).

A entrada das mulheres nos bandos foi vista por uns como sendo a desgraça e a decadência do cangaço. Para outros as mulheres vieram aplacar a fúria assassina e o desejo disforme que tanto feriram e humilharam as famílias nordestinas. Com a chegada e a permanência feminina, os cangaceiros adquiriram mais respeito para com as indefesas caboclas sertanejas. Sebastião Pereira da Silva, o famoso Sinhô Pereira, único cangaceiro a chefiar Lampião, fez a seguinte declaração:

Eu fiquei muito admirado quando soube que Lampião havia consentido que mulheres ingressassem no cangaço. Eu nunca permiti e nem permitiria. Afinal, o Padre Cícero tinha profetizado: Lampião será invencível enquanto não houver mulher no seu bando.

O certo é que Lampião contrariou todas as expectativas e cedeu às armadilhas invisíveis do amor, lançando-se nos braços formosos e entregando-se aos beijos ardentes e sedutores da bela morena, da Malhada da Caiçara.

Foi em Paulo Afonso que Lampião encontrou sua grande paixão, Maria Gomes de Oliveira, a eternizada Maria Bonita. Foi ela a primeira mulher cangaceira e com ela abriu-se o precedente das companhias femininas, sendo Paulo Afonso, responsável por uma enorme leva de mulheres para o cangaço. Das mais famosas cangaceiras que saíram de Paulo Afonso, podemos citar as seguintes: Maria Bonita (a Rainha do Cangaço), Lídia Pereira de Souza (a mais bela das cangaceiras), Nenê (Nenê, de Luiz Pedro), Otília Maria de Jesus (Otília, de Mariano), Inácia Maria das Dores (Inacinha, de Gato), Catarina Maria da Conceição (Catarina, de Nevoeiro) e a recém descoberta, Durvalina Gomes de Sá (Durvinha, de Virgínio e Moreno).

Com as mulheres vieram alguns contratempos, pois elas não tinham a valentia e a resistência dos homens e muitas vezes atrapalhavam quando ficavam doentes ou grávidas, tendo os cangaceiros que baterem em constantes retiradas, quando dos combates, para resguardarem a integridade física das companheiras.

Segundo relatos das próprias cangaceiras sobreviventes, a pior coisa era ter filhos e não poder criá-los. O amor de mãe era substituído pela dor ao ver seus frutos carnis serem postos em outros braços. Os filhos eram doados, geralmente a algum conhecido que tivesse

condições para dar um mínimo de conforto à criança. Relato forte que temos nos dias atuais é o de Inácio Carvalho de Oliveira, Inacinho. Filho do casal de cangaceiros Moreno e Durvinha, que foi deixado com o cônego Frederico Araújo, religioso responsável pela igreja de Tacaratú, em Pernambuco.

Inacinho nasceu em plena caatinga, cercado pelo medo da aproximação dos volantes policiais, parto realizado com recursos primordiais. Diante do risco dos tiroteios e do constante choro da criança que poderia ser rastreado, a alternativa para resguardá-lo foi a entrega ao Padre. Uma sábia e abençoada decisão.

Inacinho procurou durante anos por seus verdadeiros pais, nunca perdendo a esperança e sendo recompensado pelo reaparecimento do casal e do reencontro depois de setenta longos anos. Outro caso célebre foi o caso Sílvio Bulhões, filho de Corisco e Dadá, entregue ao Padre Bulhões, em Santana do Ipanema, Alagoas.

Maria Bonita, também sofreu seus dissabores, quando do seu primeiro parto teve que se contentar com a dor ao ver seu primogênito ser um natimorto e ter que enterrá-lo no fundo do quintal do coiteiro que lhe deu guarida, o velho Venceslau, Seu Lau, fiel guardião dos trajetos do Rei do Cangaço, nas proximidades do povoado Campos Novos, em Paulo Afonso.

O que aparentemente seria uma ótima vida na visão das mulheres, que viam nos cangaceiros algo novo, uma aventura que poderia lhe trazer proveitos, acabava por mostrar o outro lado de uma vida sempre atribulada, de combates, fugas, mortes e desassossego. Arrastar as alpercatas sem ter pouso certo era tarefa penosa, muito mais para as mulheres que geralmente estavam sonhando com os príncipes que povoam seus sonhos de adolescentes. Na rebeldia de meninas-moças muitas deixaram o calor das moradias paternas para se lançarem nesse caminho sem volta. Muitas outras foram raptadas, lembrando o caso da cangaceira Dadá que foi raptada por Corisco, sendo estuprada e ficando sob a guarda de uma tia do cangaceiro. Dadá deixou um forte depoimento relatando que só o tempo curou os traumas do estupro e depois, com o passar do tempo, ela foi se apaixonando por Corisco e por ele nutriu o mais fiel sentimento de amor, até morrer.

Com Maria Bonita foi diferente ela já tinha sido casada quando conheceu Lampião e com ele resolveu seguir para o cangaço e a partir daí o cangaço nunca mais foi o mesmo, as mulheres trouxeram outra cara àquele mundo só de homens. Sobre a Rainha do Cangaço muito se escreveu, alguns fatos comprovados e outros sem comprovações, sendo que em

alguns momentos foram disseminadas pesquisas irresponsáveis de escritores que escreveram capítulos fantasiosos, que servem apenas para confundir a cabeça dos que buscam as reais informações sobre um tema tão debatido e pouco confrontado em suas bases orais. Em outros momentos os depoentes mentiram e enganaram os escritores e os leitores. O campo da pesquisa é complexo e é preciso tempo e discernimento para se aproximar das bases concretas, buscando os mínimos detalhes das falas dos depoentes, ouvindo o maior número possível de pessoas que viram ou viveram as cenas, na busca da aproximação com a veracidade.

[...]A natureza masculina é a correlativa à violência, à crueldade, diferentemente da natureza feminina, materna? São tantos os relatos de que a entrada de Maria Bonita no Cangaço, de mais de 60 mulheres, teria humanizado, feminilizado “o império do machismo nos sertões” que poderíamos supor que sim.

Pois bem. Há vários relatos de episódios em que Maria Bonita intervém em momentos de fúria e crueldade do seu amado. Um deles descrito por Melquíades da Rocha, presente no livro sobre Maria Bonita de João Lima. Trata-se do momento em que Lampião havia capturado em 1935, na Forquilha, hoje Paulo Afonso, Manoel Cândido, promotor de justiça da Comarca de Água Branca, em Alagoas e já se preparava para espetá-lo, atravessando-lhe o peito com um afiado punhal quando, suplicou a Maria Bonita que não o fizesse, pois tinha uma filhinha de seis anos que dependia dele. Nesse instante Maria Bonita pediu ao amado que evitasse tal desgraça, pois só lembrava da sua filhinha (Expedita) que também havia deixado em Jeremoabo. O embravecido Lampião, tocado pelas suplicadas da mulher que amava, o fez.

Inválido, pois, afirmar que todos os cangaceiros têm uma estrutura perversa? Que a violência cometida por eles, em nome dos ideais que possuíam e dos quais se retroalimentavam é o traço, a letra, a marca dessa perversão? Há que se esclarecer que, não é apenas a estrutura perversa que goza da perversão, uma vez que é possível identificá-la como traços em outras estruturas.

Marcela Antelo, psicanalista argentina radicada na Bahia, diz que “a falta central que a castração introduz pode estar representada pelo olhar”, conforme estabelece Lacan. Problematisa ainda mais esta questão afirmando: “nascemos sendo vistos e é esse olhar que escapa ao nosso campo de visão. A perversão constitui a tentativa de ver o que é impossível de ver. O desmentido desse impossível constitui a paixão do sujeito da perversão” ... (Dr. Juracy Marques – 2012- Diferentes Contextos que envolvem a vida da Rainha do cangaço).

2.2 MARIA BONITA: UMA BREVE BIOGRAFIA

Maria Gomes de Oliveira nasceu no dia 08 de março de 1911, na fazenda Malhada da Caiçara, distrito de Santo Antonio da Glória do Curral dos Bois. Desde 28 de julho de 1958, quando Paulo Afonso foi emancipado de Glória, o povoado Malhada da Caiçara ficou nas terras pertencentes a Paulo Afonso. Maria Bonita foi a segunda filha do casal José Gomes de

Oliveira, conhecido como Zé Felipe e Maria Joaquina Conceição Oliveira, apelidada por Dona Déa.

Teve mais dez irmãos: Benedita Gomes Oliveira, Joana Gomes de Oliveira (Nanzinha), Amália Oliveira Silva (Dondon), Francisca Gomes Oliveira (Chiquinha), Antonia Gomes de Oliveira, Olindina Oliveira Santos (Dorzina), Ozéas Gomes de Oliveira, José Gomes de Oliveira, Arlindo Gomes de Oliveira e Ananias Gomes de Oliveira (Pretão). Teve como principal amiga a prima Maria Rodrigues de Sá. Foi casada com José Miguel da Silva, conhecido por Zé de Nenê.

Entrou para o cangaço no finalzinho de 1929 ou princípio de 1930. Foi a primeira mulher a fazer parte de um grupo de cangaceiros. Morreu no dia 28 de julho de 1938, junto com Lampião e mais nove companheiros, na Grota do Angico, em Poço redondo, Sergipe.

2.3 MARIA BONITA MOTORISTA

Sobre os fatos registrados em que apontam Maria Bonita dominando o volante de um carro, existem raríssimas informações e muitas dúvidas, pela falta de testemunhas de fatos tão inusitados. Em referência aos relatos escritos, podemos citar o livro: Lampião: As mulheres e o cangaço, páginas 217 e 218, 1 edição, de 1984, de autoria de Antônio Amaury Corrêa de Araújo e que transcrevemos na íntegra:

Contou-nos Leônidas que havia na fazenda Cuiabá (pertencente a poderosa família Brito, terras do engenheiro Hercílio Brito), um carro da marca Ford, ano de 1924 ou 1925, coisa assim, e que quando o grupo de Lampião ficava por ali, Maria Bonita dirigia o tal veículo”.

Juntavam algumas companheiras ou companheiros e ela saía aos trancos e barrancos, pelas vias internas da fazenda, com o pessoal sacolejando-se todo quando o carro balançava, como um barco em mar bravio, pela estrada esburacada e cheia de pedra. Os cabras gritando, rindo e praguejando. As mulheres chamando pelos santos de devoção, dando gritinhos histéricos, pedindo cuidado a motorista aprendiz

Jamais ouvi referências sobre tal pormenor da boca de qualquer elemento do povo de Lampião. Nem das mulheres nem dos homens. “Damos as informações com as devidas reservas e fiado nas palavras do nosso caro Leônidas, que diz ter assistido tais cenas” ...

Encontramos também uma citação sobre os dotes automobilísticos de Maria Bonita, no livro “Quem Foi Lampião”, de autoria de Frederico Pernambucano de Mello, página 108, transcrito aqui, também, em sua forma original:

Nas proximidades da antiga vila de Pau Ferro, hoje Itaiba, Pernambuco, Maria Bonita aprendeu a dirigir em veículo do chefe político do município, Audálio Tenório de Albuquerque, chegando a dominar inteiramente a função, segundo ouvimos do motorista do político, Antônio Paranhos, que serviu de professor, com a concordância de Lampião (MELLO, 2005, p.108).

Os fatos relacionados acima não foram comentados por nenhum dos ex-integrantes do cangaço, tornando ainda mais difícil de colher informações e de se prolongar na averiguação dos detalhes. Nas duas transcrições dos livros não existem por parte de qualquer componente a confirmação sobre os relatos. Curiosamente os informes foram acontecidos em estados diferentes, municípios diferentes e ocasiões diferentes e sempre afirmando que o aprendizado havia sido feito nos locais citados.

A dificuldade da elucidação do caso em pauta, por não vir apoiada em testemunhas oculares pertencentes ao bando de Lampião, vem alicerçado nos relatos isolados e colhidos por dois dos maiores escritores do tema cangaço, Antonio Amaury Correa Araujo e Frederico Pernambucano de Mello, pesquisadores sérios e que transcreveram relatos de pessoas que disseram terem visto as cenas. Os escritores confiaram nas explicações de um ex-motorista e de Leônidas Fernandes dos Santos, salientando que o Leônidas foi o mesmo que inventou a mentira que Maria Bonita havia traído Lampião com o homem de sua maior confiança, o cangaceiro Luiz Pedro.

Coloca-se ao conhecimento do público estas narrativas tendo por escudo a credibilidade nos dois escritores acima mencionados. Quase impossível é saber se as histórias realmente aconteceram ou se os depoimentos foram criados por seus depoentes.

2.4 MARIA BONITA: SUA BELEZA E SEU TEMPERAMENTO NA VISÃO DOS COMPANHEIROS E CURIOSOS

Lacan, no seu Seminário da Angústia (2005) diz que: Se há uma coisa que sabemos do perverso, é que aquilo que aparece externamente como uma satisfação irrefreada é uma defesa, bem como o exercício de uma Lei, na medida em que esta refreia, suspende, detém o sujeito no caminho do gozo.

A muito se discute a beleza e o difícil temperamento de Maria Bonita. Apesar da grande quantidade de fotografias encontradas com a figura da Rainha do Cangaço, somos

sempre interpelados e postos a dar definições sobre os traços fisionômicos e esculturais da cangaceira.

Os cangaceiros sobreviventes, quando reunidos em conversas ou postos a darem suas informações sobre as façanhas vividas no cangaço, tendem naturalmente a relatar e a discutirem os traços harmoniosos das cangaceiras e em particular os traços de Maria Bonita, assim como o comportamento dela, as vezes complicados. Um fato curioso é que muitos dos sobreviventes daquela época afirmam que as cangaceiras mais bonitas eram Lídia de Zé Baiano, Durvalina de Virgínio, Maria de Pancada e Nenê de Luiz Pedro, relevando Maria Bonita a um plano além desta primeira qualificação.

O cangaceiro Balão, pai de trinta e oito filhos, estes procriados com diferentes mulheres, então conhecedor do produto feminino, tendo inclusive tido alguns encontros amorosos com Maria de Pancada, possuindo-a durante várias vezes, em um só dia, enquanto realizavam uma viagem, na época ainda vestindo o mescla azulão do cangaço. Apesar dos refinados gostos masculinos, cada um tem suas escolhas e visões. Sobre Maria Bonita, Balão deu a seguinte definição: “Ela era baixa, um pouco cambota e de bunda batida”!

Dadá comentou a beleza de Maria sem antes citar a perfeição de Lídia e Durvalina.

O relato mais grosseiro acerca de Maria Bonita foi feito pelo escritor e ex-policial de volante, Joaquim Gois, que diz ter conhecido a cangaceira, quando esteve na casa de Maria, ainda na época em que ela vivia com o sapateiro Zé de Nenê, local onde Joaquim havia ido, junto com o sargento Manoel Rosendo, com o intuito de encomendarem alguns artificios em couro. Joaquim Góis mostra sua antipatia contra Maria Bonita, onde faz o seguinte relato:

...Personagem exagerada pela fantasia popular elevada às alturas de uma beleza que não possuía, dentro da auréola de um romantismo falso que a ausência de dotes físicos tanto a distância da lenda amorosa que seu interesse por Lampião criou e difundiu, Maria Bonita, sob o refletor de uma crítica séria, desapaixonada, perde o lugar a que subiu na imaginação do povo simples.

Na crédula e comovida invencionice da ignorância o seu nome iluminou-se de simpatia e entusiasmo.

Um mito que não perdura, porque tem raízes longas na superstição ou nas mentiras ingênuas de que a credence popular constrói os seus ídolos.

..., mas a história que é inflexível, destrona essa heroína improvisada, colocando-a no lugar comum das mulheres comuns a quem a insensatez e o adultério mudaram o destino.

Para melhor retratá-la, sem retoques, na visão de sua alma mestiça, sem a moldura doirada pelos recursos fáceis da fantasia, convém vê-la no enredo barato da sua separação do marido.

Analisando os fatos: Estas são as informações proferidas por Joaquim Góis, das quais discordo baseado na seguinte análise: Como é possível Joaquim Góis ter conhecido Maria Bonita ao lado de seu marido no ano de 1932 (ano em que o referido escritor foi contratado pelas forças volantes)? Porque desta pergunta? É que desde o finalzinho de 1929 ou princípio de 1930, Maria havia acompanhado o grande chefe cangaceiro e jamais retornado a sua casa, no povoado Malhada da Caiçara, em Paulo Afonso, sendo, portanto, impossível ter sido analisada tão minuciosamente, em sua residência, por Joaquim Góis.

As filmagens e as fotos realizadas por Benjamin Abraão são registros que comprovam que Maria Bonita não era uma cabocla apagada. Fica fácil, em uma análise visual, observar os traços do rosto, a perfeição dos lábios, os contornos das pernas.

Questão de gosto é individual, essa discussão será eterna, os arquivos fotográficos estão aí para análises individuais.

2.5 O ENCONTRO DE LAMPIÃO E MARIA BONITA

A irmã de Maria Bonita, Olindina Oliveira Santos, conhecida como Dorzina, foi quem deu as melhores informações, dizendo que as primeiras vezes em que Lampião pisou as terras da Malhada da Caiçara, Maria Bonita não estava na casa dos pais e sim na casa do marido José Miguel. A ex-cangaceira Dadá, conversando, por mais de uma vez, com Antonio Amaury, dizia que dona Déa havia facilitado, de todas as formas, o encontro da filha com Rei do Cangaço.

Certa ocasião, a residência dos “Gomes de Oliveira”, recebendo a visita do grupo Lampiônico, foi surpreendida pela chegada de um primo de Maria Bonita, que viera visitar os parentes.

Quando foi se aproximando a escuridão da noite, o rapaz tentou retornar e teve sua intenção barrada por Lampião sendo impedido pelo cangaceiro que exigiu que o mesmo dormisse ali, temendo o arisco cangaceiro, ser denunciado pelo jovem.

Nessa noite Lampião dormiu encima da mesa e o primo de Maria Bonita embaixo. Lampião passava sempre a mão por baixo da mesa para confirmar a presença do jovem. O rapaz sofria de bronquite e como não queria incomodar o cangaceiro, com as horas foi transcorrendo o desejo de tossir e era sempre reprimido, tornando aquela noite um tormento

para o doente. Ao clarear do dia, os cangaceiros se prepararam para viajar e liberaram o doente. O curioso é que depois deste episódio, o moço ficou curado da velha bronquite. Santo remédio!

Segundo Antônio Marques da Silva, o Antônio, de Jacó, seu tio Elias Marques da Silva, patriarca da família, também ficou conhecendo o famoso cangaceiro quando este passou a freqüentar a região de Santa Brígida. O fato de ser amigo da família de Zé de Filipe, este deve ter facilitado este conhecimento entre Lampião e Elias, que resultou, inclusive, em que Elias Marques durante algum tempo auxiliasse o grupo cangaceiro. Posteriormente houve um desentendimento entre eles e passaram a se odiarem. Por esta momentânea amizade entre Lampião e Elias permitiu que Antônio de Jacó tivesse o conhecimento do início do namoro entre Lampião e Maria.

O que Antônio narrava, juntando com outras informações, chegou-se ao seguinte quadro:

As primeiras visitas de lampião a Malhada da Caiçara foram passagens rápidas em que o mesmo recebia comida, água e abrigo. Em uma dessas visitas o chefe cangaceiro conheceu Maria, a filha casada que residia próximo ao local e por estar em desentendimento com o marido José Miguel da Silva, situação comum entre os dois, ela encontrava-se na casa dos pais. Vários depoimentos de pessoas da época, muitas ainda vivas, confirmam que Lampião conheceu Maria Bonita, através do tio dela, o senhor Odilon Café, homem rico que residia no povoado vizinho Sítio do Tará.

O destino fez com que neste momento de separação de Maria e José Miguel, o grupo de Lampião chegasse ao local. Foi a conta! Do conhecimento para o namoro foi um passo, principalmente por que a mãe da moça deu total apoio ao relacionamento da filha com o cangaceiro. As visitas repetidas causaram transtornos a família.

2.6 MARIA NA CIDADE DE BEMBOM

Reportando ao livro: Lampião, de Ranulpho Prata, primeira edição, em foto inserida entre as páginas 180 e 181, retratando a família de José Gomes de Oliveira, pai de Maria Bonita, encontraram a seguinte legenda (seguindo a legenda da época): “Paes e irmãos de

Maria Déa, amante e companheira de “Lampião”, que se destacou no sangue do povoado Bembom, conforme depoimento do coronel Antônio Nunes, vendo-se uma das vítimas”.

A fim de esclarecer os fatos, em janeiro de 1977, Antonio Amaury, em companhia de sua esposa René Maria, estiveram no local em que teria acontecido tal episódio e descobriram que o máximo de aproximação do Rei do Cangaço aconteceu do outro lado do rio São Francisco, na localidade Oliveira, povoado de Sento Sé, defronte a Bembom, hoje ambas alagadas pela usina de Sobradinho. Oliveira, situada na parte direita do Rio e Bembom na margem esquerda. Quando do ataque dos cangaceiros a uma casa comercial em Oliveira, a mesma depois de saqueada foi incendiada, subindo aos ares uma fumaça negra, avistada de Bembom.

A informação, também veiculada em jornais, que coloca Maria Bonita como suposta autora de sangramento em vítima residente no povoado de Bembom, onde teria sangrado uma pessoa da localidade e em seguida lambido o sangue que corria de seu punhal. Foi com a intenção de confirmar ou não, este ato, que Antonio Amaury Correa de Araujo esteve nesta povoação e ao chegar, procurou antigos moradores da localidade e obteve dos senhores José Marcelo de Souza e José Guedes, a confirmação de que Lampião nunca havia estado lá.

As informações desconstruídas ou às vezes mal intencionadas serviam para culpar inocentes, fantasiar uma história ou tentar engrandecer artigos de pessoas que viviam dependentes de mentiras, na tentativa de obterem reconhecimento através da notícia.

2.7 A RAINHA BALEADA

Madrugada do dia 20 de julho de 1935, mês de festas juninas e de fartura na mesa do sertanejo, o bando de Lampião chega à Vila de Serrinha do Catimbau, distrito de Garanhuns, Agreste Meridional de Pernambuco. O coronel Zezé Abílio era quem dava segurança aos cangaceiros quando eles estavam nas redondezas de Bom Conselho, Águas Belas, Itaíba e em partes do Agreste pernambucano. A visita do Rei do Cangaço à Serrinha encontra nos anais históricos duas versões, a primeira que ele tinha ido buscar dez contos de réis com o senhor Chiquito. A segunda versão e a mais provável é que Lampião teria pedido para alguns conhecidos seu organizarem um baile. A idéia do baile não foi aceita por João Caxeado, Inspetor de Quarteirão e comerciante local. A reação de João Caxeado, Oséas Correa, João

Bezerra e outras pessoas da localidade foi de apreensão e pavor, pois logo ficaram sabendo que o grupo havia assassinado o Senhor José Gomes Bezerra, na fazenda Queimada do André, distante seis quilômetros da Vila de Serrinha. A notícia do assassinato de Zé Gomes chegou como um relâmpago. Algumas informações deixam claro que a morte de José Gomes se deu como ajustes de contas entre ele e Zezé Abílio, além de que Zé Gomes teria afrontado com palavras, o Rei do cangaço, assinando sua sentença de morte com sua ignorância.

Diante da notícia da morte de Zé Gomes, João Caxeado organizou um pequeno grupo para defender o local e seu povo. Da Queimada do André o pequeno grupo de Lampião, Maria Bonita, Medalha, Fortaleza, Gato, Moita Braba, Maria Ema e Maçarico marcham para Serrinha. Vários moradores amedrontados com a aproximação dos cangaceiros fugiram. Os poucos homens que ficaram na cidade organizaram a recepção para o capitão e seu grupo. Ao dirigir-se a residência de Chiquito onde talvez fosse pegar os dez contos de réis, o Rei do Cangaço foi recepcionado por uma saraivada de balas, os primeiros disparos atingiram Maria Bonita, que vinha usando um vestido branco com os detalhes de bolinhas. A cor branca se tornara um alvo fácil de ser visualizado. Lampião diante da situação revidou os disparos e tomou como providência socorrer sua Amada. A Rainha do Cangaço foi baleada com um tiro nas costas e outro nas nádegas (segundo depoimento da cangaceira Dadá, de Corisco, Maria Bonita, depois desse ferimento passou a escarrar sangue e foi se tratar em Propriá).

O cachorro que tinha o apelido Dourado tombou na Rua de Serrinha crivado de balas. Os cangaceiros desistiram do ataque. Na fuga Lampião pegou um rapaz conhecido como Zé Tutinha para ajudar carregar Maria Bonita em uma rede. O bando tomou a direção da Serra do Ermitão, de lá seguiram para a Serra do Tará. No Tará o senhor Antonio das Guaribas prestou os primeiros socorros a Rainha Baleada. Lampião jurou voltar a Serrinha e vingar-se, especialmente de João Caxeado, Chiquito e Zé Birunda.

A sua vingança não se concretizou, pois fora aconselhado pelo Coronel José Abílio a não fazer tal vingança. João Caxeado passou quase um ano esperando a vingança de Lampião. Os habitantes de Serrinha só tiveram sossego quando Lampião morreu em 1938. Zé Tutinha, o carregador da rede teria dito que Lampião resmungava com os dentes serrados: "Traíçoeiros! Covardes! É por isso que não vale a pena tratar bem essa gente!". Lampião batia os queixos de tanto ódio com a traição dos possíveis aliados e, indignado teria dito ao

carregador da rede: “Diga aqueles papa-favas que eu vou chamar Corisco e que ele reúna seus meninos que um dia eu volto a Serrinha e juro que deixo a vila ao montão de terra, a minha vingança é sem limites”. Sobre esse episódio existe um processo contra os cangaceiros que tramitou em Serrinha e que segue transcrito, em partes e com a grafia original, abaixo:

“JUÍZO DE DIREITO DA COMARCA DE GARANHUNS, ESTADO DE PERNAMBUCO” 1935, Distribuição N°795 – 3° Cartório, n° 85
SUMÁRIO CRIME, por denúncia de Dr. Promotor Público contra Virgolino Ferreira, vulgo Lampeão; Natalício de Tal, vulgo Fortaleza ou “Cabo Velho”; Medalha, Maçarico ou Juriti, Gato, Moita Braba; denunciados como incurso na sanção do art.268 com 18 s 1° da consolidação das Leis Penas.
O Escrivão Josaphat Pereira

AUTOAÇÃO

Aos onze dias do mez de novembro, do anno de mil e novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de Garanhuns, Estado de Pernambuco, em meu Cartório, á rua Santo Antonio, 497, autoei a petição de denuncia e o inquérito policial, que adeante, se encontram, de que, para constar, fiz este termo. Eu, Josaphat Pereira – escrivão e dactylografei e subscrevo.

Agostinho Barboza de Lima, com sessenta e quatro anos de idade, casado, agricultor, filho de Jacinto Barboza Maciel, sabe ler e escrever, natural deste Estado, residente a rua de Serrinha, disse que declarava o seguinte que na madrugada de vinte de julho, por volta das trez horas foi avisado que o grupo de bandidos, chefiados por Virgulino Ferreira (vulgo “Lampião”) vinha atacar essa Villa, que o declarante providenciou esconder sua família, que de volta do esconderijo é quando o grupo vai entrando na rua, que quando o declarante que achava-se conversando mais Miguel Pereira dos Santos e Floriano Duda da Costa, dez bandidos botaram as armas em cima e disse para o declarante e seus companheiros, não se mexam, não quero alteração, aqui não há nada, e perguntaram aqui tem soldado?, que o declarante respondeu que não tinha, ainda perguntaram tem gente na espingarda? O declarante respondeu que não, que Lampião perguntou quem é o chefe daqui que o declarante respondeu é Inácio Bezerra, que Lampião ordenou Floriano Duda ir chamar Inácio Bezerra que ele chegasse até aqui, quero fazer um acordo com ele, que Floriano Duda

.....que a despença-se porque era facilitar com Inácio Bezerra que Lampião disse para Manoel Pereira você dar-se com ele que Manoel Pereira disse que dava-se, diz “Lampião” pois então vá chamar ele que Manoel Pereira seguindo “Lampião” disse vamos todos, que todos nós seguimos juntos para a porta da residência de Inácio Bezerra, que chegando Manoel Pereira bateu e chamou, mas não foi atendido; que “Lampião” disse vamos para a casa de Chiquito, que chegando a porta “Lampião” começou a bater e chamando Chiquito, Chiquito, que Manoel Pereira disse para “Lampião” estas famílias já correram tudo, que “Lampião” disse se correram tudo fogo já nessa merda, é quando saiu o primeiro tiro que feriu a bandida, que está encontrando-se na parede sem poder falar, que “Lampião” perguntou a ela foi tu que atirasse, que ela respondeu se torcendo estou ferida, que “lampião” grita aos cabras retaguarda e façam fogo, que o declarante vendo o tiroteio correu e nada mais viu, e nada mais havendo nem lhe sendo perguntado deuse por findo a declaração que depois de lida e aclamado conforme vai assinado pela autoridade pelo o declarante e por mim escrivão que o escreveu.

João Antonio da Silva
Agostinho Barboza Lima
Jucir Penha

Em seguida a acaloração de Floriano Duda da Costa, com quarenta anos de idade, casado, marchante, filho de José Celestino da Costa, sabe ler e escrever, natural deste estado, residente a rua de Serrinha, disse que declarava o seguinte:

que na madrugada de vinte de julho, por volta das três horas foi avisado(s) que o grupo de bandido chefiado por Virgulino Ferreira (vulgo “Lampião”) vinha atacando os agesteiros e com direção a esta velha, que o declarante tendo sahiu avizando sua família, que acabando a sua mição, encontra-se com Manoel Pereira dos Santos e junto achava-se Agustinho Barboza de Lima, que tendo uma pequena palestra é quando vem chegando o grupo e que este foi logo se aproximando-se do declarante e seus companheiros, que ao chegar junto, pegou no braço do declarante e perguntando de quem era, que o declarante respondeu sou um pequeno marchante e que o bandido que estava pegado.. merda deixava por terras que a bandida vendo um vulto vai abaixada ver quem era e disse para o vulto venha para cá que aqui tem é e não bicho, que ela ao ver o vulto disse se correr eu atiro, que de volta ela recebe um tiro, que “Lampião” perguntou a ela, foi tu Maria que atirou, ela respondeu estou baleada, que ele pegando a bandida.....da calçada abaixo e ali serrando tiroteio, que o declarante procede se escapulindo e nada mais sabe. E nada mais sabendo nem lhe sendo perguntado deu-se por fim a declaração que depois de lida e achada conforme vai assinada pela autoridade pelo declarante e por mim escrivão que o escrevi.

João Antônio da Silva
Floriano Duda da Costa
Jucir Penha

Além desta descrição exposta acima ainda vem um calhamaço de papel, com 39 páginas, onde são ouvidos os senhores Manuel Herculano dos Santos, Celestino Bulandeira dos Santos, Ciríaco Lyra dos Santos, José Correia da Silva, Inácio Bezerra de Assunção, João Antônio da Silva, Manoel Jacob de Noronha, Aureliano Januário de Souza, Luiz Alessandro de Noronha, José Alessandro de Noronha, Antonio Vicente Ferreira, Luiz Gonzaga da Costa, e as testemunhas Euclides José dos Santos, Venâncio Bulandeira dos Santos e Maurício Francisco da Silva.

Em seqüência vem o seguinte mandado:

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE GARANHUNS, ESTADO DE PERNAMBUCO

Mandato

Dr. Edmundo Jordão de Vasconcellos, Juiz de Direito da Comarca de Garanhuns, Estado de Pernambuco, em virtude da lei, etc.

MANDO a qualquer dos officiaes de minha jurisdição, que em cumprimento do presente, indo por mim assignado, dirija a Villa de Serrinha deste município, e, ahi sendo, intime Manoel Costa Filho, Salustiano Bazílio da Silva, Pedro Baptista de Azevedo e Miguel Fabiano de Azevedo para, na qualidade de testemunhas do processo crime instaurado contra Virgulino ferreira, vulgo LAMPEÃO, Natalício de Tal, vulgo FORTALEZA ou CABO VELHO, Medalha, Maçarico ou Jurity; Gato;

Moita Braba, denunciados como incurso na sanção do art. 268 comb. Com o 18 s 1º da consolidação das Leis Penaes, comparecerem no dia 16 do andante, pelas 14 horas, na sala das audiências deste juízo, afim deporem o que souberem e lhes for perguntado, sob ás penas da lei. Citem-se os réos e científique-se o dr. Promotor Público. CUMPRA-SE. Dado e passado nesta cidade de Garanhuns, aos 8 de janeiro de 1936. Dactylographei e subscrevo.

Josafá Pereira, escrivão do crime
Edmundo Jordão, Juíz de Direito

Em anexo às declarações vem uma guia de exame de lesões corporais com as seguintes informações:

**DELEGACIA DE POLÍCIA DO MUNICÍPIO DE GARANHUNS
VIOLÊNCIA CARNAL**

Auto de exame feito na pessoa de: Antonia Avelina da Conceição. Aos trinta e um dias do mez de agosto de mil novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de Garanhuns e na Delegacia Polícia, as 14:30 horas, perante o Cap. Miguel Cap. Manoel..... Cabral, commigo abaixo assignado escrivão de seu cargo, compareceram os peritos nomeados e notificados Dr. Pauloe Tavares Correia

As testemunhas também notificadas José da Silva Maia, Gerson Souza..... ordenou aos peritos sob juramento de seus cargos procedessem exame médico na pessoa de Antonia Avelina da Conceição e respondessem os quesitos seguintes:

1º si houve defloramento; 2º qual o meio empregado; si houve copula carnal; 4º si houve violência para fim libidinoso; 5º qual o meio empregado, si força physica, si outros meios que privassem a mulher de suas faculdades e assim da possibilidade de resistir e defender-se.

Em consequência os peritos, passaram a fazer exame médico na pessoa de Antônia Avelina da Conceição, no dia 31 de agosto de mil novecentos e trinta e cinco, as 14;30 horas, na delegacia de Polícia, de côr branca, altura regular, natural de Pernambuco, de.....annos de idade, residente em Distrito de Serrinha, de constituição forte, temperamento calma e constantanea.

No diário do poder Judiciário de novembro de 1935 sai a seguinte citação:

Juízo de Direito da Comarca de Garanhuns

EDITAL DE CITAÇÃO

O doutor Edmundo Jordão de Vasconcellos, Juíz de Direito da Comarca de Garanhuns, Estado de Pernambuco, em virtude da lei, etc

FAZ saber a VIRGULINO FERREIRA, vulgo LAMPEÃO; NATALÍCIO DE TAL, vulgo FORTALEZA; ou CABO VELHO; MEDALHA; MAÇARICO ou JURITY; GATO; MOITA BRABA; que o doutor promotor publico da comarca os denunciou como incurso na sanção do artigo 268 combinado com o artigo 18 parágrafo 1º da consolidação das leis penais, e como se encontrem os denunciados em lugar incerto e não sabido pelo presente edital de citação com o praso de vinte(20) dias, a contar da data da publicação, chamo-os, cito-os e os hei por citados para no referido praso comparecerem perante esse juízo, na sala das audiências, a fim de assistirem o que for a bem dos seus direitos, inclusive interrogatórios sob pena de revelia.

E para que chegue ao conhecimento dos ditos denunciados mandei passar este edital que será affixado no lugar do costume e publicado no DIÁRIO DO ESTADO.

Dado e passado nesta cidade de Garanhuns, aos 14 dias de novembro de 1935. Dactylographei e subscrevo.

Josaphat Pereira.

Escrivão.
Edmundo Jordão
juiz de direito
(S. crime)

2.8 UM MUNDO DE MENTIRAS E DE HISTÓRIAS CRIADAS POR OPORTUNISTAS IRRESPONSÁVEIS

As inverdades rondam o mundo do cangaço como se fossem tatuagens impregnadas na epiderme da história, fatos imaginários são tidos como verdadeiros e propagados com a velocidade de raio. Sempre surgem desatinados querendo vender mentiras como veracidades e se os leitores e estudiosos não conhecerem os fatos reais transformam-se em agentes propagadores de depoimentos irresponsáveis e carentes de análises.

Durante os Seminários e conferências, quando das palestras e mesas redondas é quase uma regra perguntarem se Maria Bonita traía Lampião, se no cangaço tinha homossexual, se Lampião jogava criancinhas pra cima e aparava com o punhal, se Lampião tinha por regra assassinar todos os sertanejos que encontrasse pela frente. Sem contar que alguns afirmam que Lampião não morreu na Grota do Angico, em Poço Redondo, Sergipe. Ele foi visto em Goiás, Minas Gerais e no Acre, sendo grande fazendeiro. Vez ou outra aparece alguém querendo se passar por cangaceiros como foi o caso do aparecimento, em 1984, de um suposto Ezequiel, o irmão mais jovem de Lampião, que apareceu em serra Talhada, Pernambuco e passou mais de vinte dias perambulando pela cidade dizendo que era irmão do Rei do Cangaço. O verdadeiro Ezequiel morreu no povoado Baixa do Boi, em Paulo Afonso, Bahia, atingido pelo disparo da metralhadora do tenente Arsênio de Souza, nas proximidades da Lagoa do Mel, um tanque construído por Antônio Chiquinho (vivo ainda enquanto escrevia esse texto, em 20 de janeiro de 2010, com 104 anos de idade e ainda lúcido). Sem contar que o Ezequiel mentiroso foi desmascarado e reconhecido como sendo um vendedor de cordel. Outro impostor foi desmascarado por Zé Sereno e Sila, enquanto se apresentavam em um programa de rádio, em São Paulo e por lá apareceu alguém se dizendo ser um cangaceiro que Zé Sereno conhecia bem. O impostor teve que sair amparado para não apanhar. Caso igual aconteceu em Paulo Afonso quando fiquei sabendo que o Moita Brava estava vivo e fui entrevistá-lo. O homem colocou-se como um dos maiores amigos de Lampião e quando perguntei a data de nascimento do suposto cangaceiro ele respondeu: 1940, 25 de abril de

1940 pra ser mais preciso. Quando lhe perguntei como ele poderia ser amigo de Lampião tendo nascido em 1940 e Lampião morrido em 1938, o homem desmoronou-se e a conversa acabou aí.

As indagações são diversas e muitos afirmam serem verdadeiras as histórias, pois leram nos livros sobre o cangaço, diga-se passagem, livros e autores irresponsáveis, que confundem mentes de interessados em conhecer um pouco da história e de uma época. Com a Rainha do Cangaço não poderia ser diferente, as conversas rolam colocando-a como amante do inglês que andou um tempo com Lampião, inglês esse fruto de um personagem fictício criado para o filme Lampião e Maria Bonita, da Rede Globo de Televisão. Ainda Maria teria um caso com Sabonete, cangaceiro que seria um Guarda de Honra da cangaceira e que aparece na película de Benjamin Abraão segurando algumas correntes de ouro enquanto Maria Bonita vai se enfeitando com os trancelins.

Outros boatos de traição envolvendo Maria Bonita, ainda na época sendo ela casada com o sapateiro Zé de Nenê, são citados em livros, como é o caso citado no livro do meu amigo Alcino Alves Costa, Lampião além da versão, página 133, que diz, em certo trecho: “...Faz feira, com um comércio de tecidos, em Santa Brígida, um dos descendentes da tradicional família Carvalho, de Serra Negra. É ele um jovem moço que anos depois veio a se tornar no famoso e temido tenente João Maria de Carvalho”. A futura Rainha do Cangaço inicia um romance com o prestimoso lojista que seria depois o grande patriarca daqueles sertões. Romance ardoroso. “Altamente sigiloso. Tão sigiloso que ainda hoje é negado por seus familiares. Maria Déa se atira nos braços do amante. João Maria é exatamente o inverso do marido. É explosivo, ardente, carinhoso, e arrojado, deixa a moça na mais completa felicidade...”

Em outro livro do Alcino, intitulado o Sertão de Lampião, Alcino diz que obteve a informação acima de um ex-soldado, policial que pertencia a volante de Zé Rufino e na página 114 vem o depoimento de Lindoaldo Alves de Oliveira, ex-prefeito de Santa Brígida, discordando dessa história, pois conheceu Zé de Nenê e foram muitos amigos e se verdade fosse esse boato, todos da região ficariam sabendo.

Outro artigo que foi bastante difundido foi o que Maria teria traído Lampião com o cangaceiro Luiz Pedro, justamente o maior amigo do Rei do Cangaço, o homem que jurou fidelidade ao amigo e dele só se separando quando da morte na Grota do Angico. Esse artigo

da traição veio impresso no “Informativo Xingó”, ano 10, número X, de novembro de 1999. O artigo é de Miguel Ângelo de Alencar, pesquisador da AT Aqüicultura. Segue o artigo na íntegra:

Subia o Rio São Francisco a canoa (Teresa Góes) de seu Moisés Tambanque, carregada de mantimentos para o armazém de Chiquinho Rodrigues, quando na margem, um homem acena, pedindo para que o levasse. Atendendo ao chamado, seu Moisés encosta a canoa e nesse momento é surpreendido por Lampião e Maria Bonita, acompanhados por dezessete cangaceiros que ordenam que façam a volta e desçam o Rio.

Seu Moisés, canoeiro experiente, sabia que o fato de sua canoa estar descendo o Rio, quando tinha a pouco subido e ainda estava carregada de cangaceiro, com certeza chamaria a atenção dos ribeirinhos, que poderiam alertar a polícia, provocando um possível tiroteio que colocaria a vida de todos em perigo, inclusive a sua. Resolve, então, pedir a Lampião que seus homens se sentem no lastro, para que não fossem vistos, sendo prontamente atendido. Maria Bonita foi alojada na tolda e Lampião ficou com seus homens e os passageiros.

Moisés, precisando de umas cordas que estavam na tolda, pede permissão para ali entrar, sendo atendido. Quando seu Moisés empurra a porta eis a surpresa: Luiz Pedro estava dando um beijo apaixonado na boca de Maria Bonita. Seu Moisés, fingindo não ver nada, pega suas cordas e de fininho se retira.

Em determinado momento, Lampião nota a presença de um bonito saxofone, e pergunta a quem pertence, sendo respondido por Walter, tocador de primeira, que estava com destino A Pão de Açúcar onde tocaria o carnaval. Lampião solicita que ele toque, sendo prontamente atendido com um tango que muito o agradou, pedindo que fosse repetido. Walter toca toda viagem até chegarem à fazenda Saco do Medeiro, vizinho da fazenda Jacobina, no município de Gararú, em Sergipe, onde Lampião mandou atacar.

Neste instante, Lampião paga ao saxofonista a importância de 50.000 réis pelos seus serviços e desembarcam com sua tropa se embrenhando novamente na caatinga.

“Provavelmente feliz por aquele momento de descontração, e por ignorar a traição de sua companheira com seu cabra de confiança”.

Esse é um dos mais fantasiosos capítulos já escritos sobre Maria Bonita. Segundo o escritor Alcino Alves Costa, que foi amigo do barqueiro, ele deu o seguinte depoimento: Moisés Tambanque era um beiradeiro de pura raça, nascido e criado no povoado Curralinho, hoje município de Poço Redondo, Sergipe. O Curralinho, a Capoeira, seus terrenos na beira do Rio São Francisco e a canoa Tereza Góes eram a vida de Moisés. Ali viu seus filhos crescerem e já caindo pra idade, deixou seu povoado, seu terreno, a sua canoa e se destinou para as terras distantes de Juazeiro da Bahia. Seus filhos e descendentes, ainda residindo em Curralinho e Poço Redondo, não se recordam de terem ouvido do velho patriarca, nada em referência a esse acontecimento.

Eles que tanto tempo conviveram com o pai e amigos acostumados a conversarem sobre as aventuras do dia a dia no Rio confirmam que esse é um fato inverídico.

2.9 MARIA BONITA, CRIANÇA, MENINA, MULHER, VIDA, TRAÇADOS CAMINHOS E O ÚLTIMO ATO DE UMA VIDA ATRIBULADA

Nasceu menina, criancinha, igual a todos quando nascem e não se nasce com estigmas, nem o tempo traz deformações que nos levam a ser bandidos ou heróis, não é regra natural seguir lados, natural é amar todas as coisas, se defendendo dos perigos e seguindo rumos, se bem que as sociedades modernas criaram leis e diretrizes.

Inconscientemente busca-se algo que se desconhece, reflexos dos sentidos gerados pela própria natureza, defesas decorrentes de medos do desconhecido. A humanidade em seus princípios básicos nascidos no berço da vida nos tolhe às suas circunstâncias.

Maria Gomes de Oliveira veio ao mundo como criança, foi criança, brincou de ser criança, teve bonecas, brincou de casinha, aprendeu sendo criança. O tempo a transformou em mulher, cresceu mulher, foi mulher. Conheceu pessoas, teve amigos, descobriu amores, sabores, palavras. Sentiu saudades, sonhou, chorou, correu, cansou, sangrou, sorriu, amou. Conheceu lugares, cores, se emocionou, cantou, se enfeitou, engomou, costurou, bordou, adorou, orou, andou. Colheu flores, tomou banho de chuva e se banhou nos barreiros, apreciou o orvalho, aparou águas nas biqueiras, encheu potes, acendeu candeeiros, sentiu o calor de um sol causticante, suou. Apreciou os pássaros e seus cantos, seguiu borboletas, colheu lenha, acendeu fogo, cozinhou, apagou chamas. Sentiu dor, talvez mais que muitos de sua geração. Perdoou, consolou. Olhou da janela, divisou alazão que voava nas veredas infundas, trilhou caminhos quase sem volta. Viveu momentos, muitos momentos, caminhou muitas léguas, várias tiranas, teve medo, engravidou, teve filhos, nos matos bravios da caatinga. Se embriagou com os aromas da fauna sertaneja, fragrâncias únicas. Se feriu, nos tantos espinhos, filetes de sangue a manchar-lhe a pele, a pele morena, morena tão bela. Sarou feridas, criou cicatrizes. Sentiu saudades, essas muito mais que todos. O tempo castigou, a distância fez com a vida o que faz com as flores, desseca-as. Tombou ferida, agonizou, viu a morte chegando, a sentença dos justos ou dos injustos? Momento final, a vida se foi. Cabeças expostas, corpos sem cabeças, perdidos. O fim.

Foi criança um dia, amou como criança, aprendeu sendo criança. Foi mulher e como tal viveu os sabores e as dores do mundo. Teve amigos, mãe, pai e irmãos. Engatinhou, andou, correu, percorreu estradas, amou, se emocionou, chorou, sofreu, igual todos nós, como é pra ser a vida, a vida é assim (Lima, 2005).

Maria Bonita e Lampião morreram no dia 28 de julho de 1938, na Grota do Angico, em Poço Redondo, Sergipe, atacados pelos volantes do sargento Aniceto, aspirante Chico ferreira e o comandante geral do ataque, o tenente João Bezerra. Segundo algumas informações ela foi degolada ainda com vida. Ela viveu ao lado de Lampião por quase dez anos, de 1929 a 1938, seguindo uma vida de correrias constantes. Tiveram quatro filhos, sendo dois natimortos.

Depois das mortes dos cangaceiros, as cabeças foram expostas como troféus e saíram por várias cidades sendo mostradas a população. Tempos depois as cabeças ficaram no Instituto Nina Rodrigues, em Salvador, Bahia, onde depois de uma longa briga judicial, foram enterradas.

No dia 13 de janeiro de 1969, o governador Luis Vianna Filho assinou uma ação autorizando o sepultamento das cabeças dos cangaceiros. O ato final do enterro das cabeças aconteceu no dia 13 de fevereiro de 1969.

Exame médico-legal da cabeça de Maria Bonita:

(seguindo a grafia original)

“A cabeça de Maria Bonita deu entrada às 22 horas do dia 31 de julho de 1938 no Serviço Médico Legal do Estado de Alagoas, em mau estado de conservação, razão por que não foi retirado o encéfalo, já reduzido a uma pasta esbranquiçada e amorpha que se escoava pelo orifício occipital. As partes moles infiltradas não permitiram fossem melhor apreciados os traços physiônômicos da companheira de Lampião, os quais, aliás, não pareciam desmentir o apelido que lhe deram. Aparentava ser uma mulher de trinta, trinta e cinco annos de idade. À primeira impressão, o que mais prende a attenção em vê-la é a testa alta e de todo vertical. Cabellos negros, longos, finos e lisos, arrumados em trança pendente. Tez morena clara. Pode ser incluída no grupo dos brasileiros xanthodermas da classificação de Roquette-Pinto. Perímetro cephalico é de 57 centímetros. Diâmetro transverso máximo mede 150 milímetros. Índice cephalico, 32. Por tanto bracycephala. O comprimento total do rosto alcança 190 milímetros. O comprimento total da face é de 120 milímetros. O comprimento simples da face é de 72 milímetros. Diâmetro bizigomatico ou transverso máximo da face: 153 milímetros. Índice parcial de broca: 47,0. Nariz de ápice grosso e rhombro, um pouco achatado, mede 50 centímetros de altura e tem largura máxima de 35 milímetros. Índice nasal transverso é de 70. Portanto, mesorrhina. Orelhas simétricas, tendo comprimento total de 50 milímetros e largura máxima de 40. Índice auricular de Topinard: 80. Lábios grossos, sendo a cavidade bucal de 45 milímetros. Dentes pequenos, bem plantados e em excellent estado de conservação. A largura da fenda palpebral é de 40 milímetros, olhos castanhos escuros.

São esses principaes elementos colhidos traçando-se o perfil anthropologico de Maria Bonita. Não denunciam elles a existência de quaesquer estigmas de degenerescença ou signaes atávicos. Na busca de sua constituição delinquencial muito mais importância teria o estudo psicológico que permitiria pôr em relevo os caracteres fundamentais de sua personalidade. Em verdade uma conclusão definitiva e segura só poderia ser tirada da apreciação physiopsichyca e biographica da victima, único meio capaz de revelar suas tendências criminosas mesmo se despertadas estas pela paixão e pelo amor.

Maceió, 3 de agosto de 1938

Dr. José Lages Filho, médico legista.

Fonte: jornal de Alagoas, edição do dia 4 de agosto de 1938.

2.10 POR UMA QUESTÃO DE GÊNERO: UM TOQUE FEMININO NO CORAÇÃO DO CANGAÇO

A mulher que na República já tinha um papel diferenciado na sociedade rompeu parâmetros e barreiras impostas também em um nordeste arcaico quando na década de 1930, no Sertão fragilizado por falta de políticas públicas entraram para o cangaço, quebrando convenções, protagonizando ações, provocaram o toque de gênero para se chegar à igualdade, se fizeram visíveis e influenciaram corações, na dureza de uma época e antes mesmo de entoar conquistas, muitas tombaram com a lâmina cruel da covardia.

Para entendermos algumas questões sociais que envolvem o feminino e o masculino, ou as relações construídas na sociedade sobre o homem e a mulher é necessário nos remeter as questões de gênero. Os valores das esferas públicas como o trabalho, política, educação, construção de conhecimento, dentre outros. Na esfera privada como o amor, ódio, sexualidade, casamento, família, amizade, continuam instituindo os comportamentos diferenciados por sexo. Portanto, o feminismo compreende que são esses valores que trazem prejuízos à construção de igualdade entre homens e mulheres para a transformação da sociedade.

O conceito de gênero é gestado de diversas formas, de acordo com o ambiente onde é ajustado. Assim seu uso sofre adaptações ideológicas, que em muitos casos reduzem o seu conteúdo político e, a sua potencialidade para a transformação das relações de poder. Joan Scott (1995) num artigo editado pelo SOS Corpo (Organização Feminista) define: Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Gênero é a forma primeira de significar as relações de poder.

Logo gênero é um conceito relacional, elaborado pela teoria feminista, útil para entender a sociedade nas relações de poder, corrobora Cristina Buarque (2006).

A construção das relações sociais entre pessoas e a natureza e o desenvolvimento de cada sociedade, vão construindo aos poucos as culturas dos povos. Com base nestas culturas, vemos que homens e mulheres mudam de papéis, dependendo de qual contexto esteja inserido e do momento histórico vivenciado.

Compreendendo gênero como relações socialmente c construídas, ou seja, o ser humano do jeito que são moldados, construídos e reconhecidos culturalmente, a constituição

de gênero vai se dando no cotidiano e moldando um modelo de homem e mulher que lhe é apresentado a partir da definição de papéis sociais. Daí aquilo que é aprendido torna-se “natural”: a superioridade do homem e a subordinação da mulher. A partir disso, os estereótipos foram sendo normatizados nas relações desiguais.

Esse estado de “naturalização” tornou-se bastante acentuado no Sertão, por causa de um modelo dominante e em todas as atividades da vida aparece a situação privilegiada dos homens e a discriminação das mulheres como algo independente da vontade de cada pessoa, trazidos em leis, costumes e estruturas.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Foi elaborada uma pesquisa de campo através de entrevistas e consultas documentais na região que compreende as cidades baianas de Paulo Afonso, Glória, Rodelas, Macururé, Chorrochó, Canudos, Jeremoabo e Santa Brígida. Foram colhidos depoimentos dos remanescentes, fotografias e documentos referentes à história.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo dos relatos das antologias do cangaço é perfeitamente possível observar numa perspectiva de gênero essa construção de homens e mulheres e suas transformações culturais num cenário de adversidades do Sertão do Nordeste, em plena caatinga ocorre um curioso protagonismo de mulheres no cangaço.

Simone de Beauvoir (1974) acentua numa concepção feminista de gênero que: Cada ser humano nasce macho ou fêmea (sexo), mas torna-se homem ou mulher (gênero): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Essa construção social de gênero também se faz no movimento do cangaço. As mulheres, de femininas, se tornaram dentro de uma concepção de gênero, mulheres.

O Sertão do nordeste do Brasil historicamente foi marcado em sua estrutura vital. Castigados por secas naturais e por cercar tão desiguais, as políticas de descaso se encarregaram de aprofundar a pobreza e reproduzir diferenças de relações sociais e de poderes estruturais. Mas, também deu espaços a lógica da contradição, que possibilitaram a

organização de populações afetadas, a mobilização, a sua alta proteção ou mesmo as suas cobranças de medidas de amparo.

Como o protagonismo das mulheres é esquecido pela história, faz-se justo, dentre tantas mulheres de destaque mundial, considerar as mulheres do cangaço. Por que não?

Dentre as controvérsias da história, se edifica um Movimento do Cangaço determinado segundo inúmeros escritos, entre um misto de justiceiros e bandidos. Frente ao absolutismo dos coronéis, num cenário sertanejo tão adverso, o papel secundário das mulheres, dá lugar à atitude frente à sobrevivência na esperança justicosa. Mulheres e homens como sujeitos coletivos, assumem papéis semelhantes na trajetória do cangaço.

Pobreza e exclusão são fenômenos que atingem de forma diferenciada homens e mulheres. Para as mulheres, a realidade de carência é ainda pior, pois são elas encarregadas pela herança patriarcal, de executar tarefas majoritariamente dependentes da provisão masculina para sustentar a família.

Dessa feita, numa visão preconcebida, parece inapropriado o protagonismo de mulheres embrenhadas nas caatingas, em pleno Sertão no exercício de temidas cangaceiras. Essas mulheres, de femininas tornaram-se mulheres de afronta, mesmo com querelas, a anticultura de domínio e da violência de gênero.

A condição de subalternidade das mulheres tem sido explicada por diferentes estudos, em diversas áreas do conhecimento. Mas é com base nesta concepção, que o protagonismo das mulheres no cangaço se revela, no rompimento familiar no fascínio dos bandos, nas agruras do tempo, na sorte que lhes escapavam e nos papéis que a sociedade lhe impunha, elas protagonizaram cenários.

Historicamente as mulheres têm sido coisificadas, violentadas, agredidas, subjugadas e oprimidas. A opressão “bloqueia a capacidade das pessoas encontrarem os caminhos para mudar o mundo e a si mesmos, de modo que o oprimido pode nem sequer enxergar sua opressão” (BEAUVOIR, 2000).

As mulheres do cangaço buscaram outros caminhos, se destacaram, transformaram-se de fêmeas em mulheres na condição do cangaço. Elas impuseram uma identidade própria, personalidades singulares. Foram perseguidas, enfrentaram estruturas de poder, criaram estratégias de sobrevivência, influenciaram posturas, ditaram regras e tornaram-se temidas cangaceiras no controverso mundo dos homens do cangaço. Nesta inclusão, as pessoas do

cangaço constroem novas relações de gênero, o que nos permite observar uma nova cultura e a redefinir novos vínculos.

Foi a partir desse quadro da entrada das mulheres no cangaço que ficou evidenciado uma nova faceta da mulher nordestina, ela transpôs os códigos vigentes, driblou as regras familiares, investiu em uma página a ser escrita sem pesar suas consequências.

CONCLUSÃO

A abertura do cangaço às mulheres modificou a ordem masculina e integrou a apologia do movimento enquanto desordem dos signos e dos sentidos. Uma nova economia amorosa guerreira se instaurou. As mulheres, conhecedoras ímpares do feminino no masculino, vão impor uma práxis, uma contabilidade amorosa na qual o ideal de vida vai prevalecer substituindo-se ao espectro da morte, feito espetáculo de violência sem objetivo, sem direção. Como os homens, elas sabiam que o cangaço não era uma brincadeira ou um passatempo; acreditavam, porém, na possibilidade de construir a vida a partir da morte. Era como se, doravante, a morte calculada, pensada; a morte como produto da cultura de honra e não movimento esquizofrênico de uma violência esvaziada de conteúdo, uma violência desesperada.

Ao contrário da violência dos homens, as mulheres pareciam optar pela agressividade, enquanto movimento ação e reação, alavanca necessária à autonomia dos sujeitos - uma violência positiva, quem sabe? - produtora de novos conceitos, novos saberes, numa nova sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTELO, M. O Uso Perverso do Gozo. *In.*: Agente: **Revista de Psicanálise**. Perversão Generalizada. Ano VIII. n.14. Salvador: EBP: 2007.

BEAUVOIR, S. de. **The Second Sex**. Trad. H. M. Parshley. New York: Vintage Books, 1974. (O Segundo sexo).

FREUD, S. **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: A Angústia, Pontuações sobre o Desejo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O Sinthoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2007.

LIMA, J. de S. **A Trajetória Guerreira de Maria Bonita – A Rainha do Cangaço.** Ed. Fonte Viva. Paulo Afonso, 2005.

LIMA, J. de S.; BARRETO, E. I.; GALDINO, A.; LIMA, R.; MARQUES, J. **Diferentes contextos que envolvem a vida da Rainha do Cangaço.** Ed. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Recife, SOS Corpo, 2005.

Tomáz, A. de F.; Brito, A. F. S.; Silva, M. S. da; Silva, D. C. da. **Por uma Questão de Gênero no Sertão. Texto apresentado no II Seminário Internacional do Centenário de Maria Bonita. NECTAS/UNEB- Campus VIII. 08 mar. 2010.**